

ESCRITA CARCERÁRIA: A FUGA PELA PALAVRA

Luziê Maria Fontenele Gomes

Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

E-mail: luzietfontenele@gmail.com

Palavras-chave: Leitura. Prisioneiros. Narrativas. Identidade.

Escrever é maldição. (...) Uma maldição que salva – maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva.

Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada (LISPECTOR, 1999, p. 134).

Considerações iniciais

Há muitas formas de expressão para refletirmos sobre o mundo e o estar no mundo, entre elas perpassam a linguagem verbal, a linguagem não verbal ou extraverbal e o silêncio, como modos reveladores de palavras, ações, gestos, pensamentos e sentimentos.

A linguagem verbal compõe-se de uma sintaxe formada por palavras e frases, que podem ser ditas, no plano da oralidade, ou escritas, ela é plenamente consciente e voluntária. A linguagem não verbal ou extraverbal é formada por elementos que também são envolvidos na comunicação, como os gestos, tom de voz, postura corporal, sinais pictóricos, desenhos entre outros, provém do inconsciente de quem se comunica. E o silêncio é também uma forma de linguagem que possui materialidade e sentidos que vão além do dizer e do não dizer.

A linguagem dimensionada por essa multiplicidade de formas constitui-se para o indivíduo encarcerado o elemento-chave, aquele que pode abrir a passagem para outro mundo, mais humanizado, livre, solidário e ético.

Este artigo pretende analisar a narrativa sobre motim e fuga, vivenciadas no espaço carcerário pelos autores, detentos na época, Raimundo dos Santos e Hélio Alves Teixeira. Produções escritas que suscitam sentimentos de medo, angústia, fragilidade e impotência

diante do mundo violento e barbarizado das prisões, que também são representações do cárcere e das estratégias de escrita para constituição de novas identidades.

Os autores José Raimundo dos Santos e Hélio Alves Teixeira, escreveram, respectivamente, *Km 47: Parada da Solidão (vida de caminhoneiro)* (2006) e *Fuga maluca* (1997). Esses textos retratam o momento de uma rebelião e fuga em um presídio localizado em Vitória da Conquista, no sudoeste baiano. Os autores participaram do Programa Nacional de Incentivo à Leitura da Fundação Biblioteca Nacional (Proler/Carcerário), em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), coordenado pela professora Heleusa Figueira Câmara.

Situaremos, inicialmente, este trabalho fazendo uma exposição sobre o Proler e suas ações. O Proler/UESB do Campus Universitário de Vitória da Conquista compõe-se de professores e amigos da leitura. É um comitê pioneiro no Brasil, fundado em 10 de janeiro de 1992, suas atividades circulam em torno de palestras, conversas sobre leitura, atendimento e orientação redacional, visitas aos presídios, levantamento e recolha de histórias populares, programas de rádio, leituras de narrativas, contos, poemas de autores populares, escritas de si, organização de acervos de literatura.

O Proler/Carcerário surgiu em decorrência do projeto *O Buraco da Fechadura: discursos prisionais*, iniciado com os internos da Casa de Detenção (1989-1993), tendo continuidade no Presídio Regional Advogado Nilton Gonçalves, a partir de sua inauguração em 1993, e se estendido aos internos do Conjunto Penal de Jequié, Bahia. É um programa de incentivo à leitura e à produção de textos escritos criativos, que conta como apoio da UESB e da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Estado da Bahia.

Para a expansão do Proler/UESB e Proler/Carcerário foram surgindo outras necessidades, tais como publicação dos escritos dos prisioneiros e de outros autores populares, o que motivou o nascimento do *Projeto Letras de Vida*. Assim, em 2000, o projeto foi instituído com a finalidade de registrar os textos desses autores anônimos, através da digitação, revisão ortográfica, diagramação, impressão dos originais e multiplicação desse material escrito e organizado, através de máquina de reprografia. E, dessa forma, um acervo literário vem se formando na Biblioteca do Proler/UESB, são fabulações populares, narrativas autobiográficas e memórias, que dão voz aos novos autores informais.

Assim, surgiu o livro *Km 47: Parada da Solidão (vida de caminhoneiro)*, de José Raimundo dos Santos (2006), que conta sua vida em dois momentos, o primeiro quando era um homem livre e exercia a profissão de caminhoneiro, viajando pelo Brasil; o segundo já como detento no Presídio Nilton Gonçalves, narrando suas aflições e esperança de um dia de

liberdade. Nesse último momento, Santos escreve um capítulo de 33 páginas, intitulado *A rebelião* em que narra a rebelião vivenciada nesse presídio, iniciada em 05 de abril de 1997 e terminada após 9 dias de terror e negociação.

O outro autor Hélio Alves Teixeira (1997) escreveu um texto avulso e autobiográfico, denominado *Fuga maluca*. Este material ainda não foi publicado no formato de livro, encontra-se digitado nos arquivos do Proler/UESB. São sete laudas em que Teixeira faz considerações sobre essa rebelião no Presídio Nilton Gonçalves, narrando o mundo no cárcere, seus perigos e temores.

Os dois autores Santos (2006) e Teixeira (1997) narram, de forma individual e particular, as mesmas experiências advindas do motim, de suas vidas no cárcere, suas angústias e medos, sentimentos transfigurados em literatura.

Olhares entrecruzados sobre o motim no Presídio Nilton Gonçalves

A ação de um motim ou rebelião em um presídio se caracteriza por uma revolta generalizada dos internos com o propósito contrariar a autoridade ou poder constituído, tumultuando seriamente a ordem e disciplina da prisão, mediante atos de violência contra guardas, funcionários e instalações ou mesmo contra outros detentos não-solidarizados com suas atitudes. É um crime próprio, que somente pode ser praticado por presos, pessoas encarceradas, por presidiários, em cumprimento de pena ou presos provisoriamente. Geralmente, essas ações deixam um rastro de desordem, terror, violência, danos ao patrimônio público e até mesmo de morte.

O Código Penal Brasileiro na Parte Especial, Título XI, Capítulo III – Dos Crimes Contra a Administração da Justiça, em seu artigo 354 prevê: “Amotinarem-se presos, perturbando a ordem ou disciplina da prisão: Pena – detenção, de seis meses a dois anos, além da pena correspondente à violência” (BRASIL, Art. 354, 1942).

O motim é um crime de caráter doloso em que o preso impõe sua vontade livre e consciente em tumultuar a unidade prisional seja com objetivo de fuga, vingança, reivindicação, baderna, destruição da cadeia ou violência contra outros presos e funcionários da prisão.

Para a Lei, o motim ou rebelião são condutas fortemente penalizadas, pois geralmente, são acompanhados de outros componentes, como danos ao patrimônio público, lesão corporal, ameaça, uso de armas de fogo, armas brancas ou armas fabricadas, seqüestro e até mesmo de homicídios.

Os motins e fugas, assim como as conseqüentes mortes são, invariavelmente, uma realidade nas prisões brasileiras. Dentro dos presídios, os detentos que não participam de motins ou rebeliões sofrem as investidas de todos os lados, dos presos amotinados, da polícia e das próprias condições adversas do momento, como falta de comida, agasalho, água, segurança e outros.

Ao abordar o papel dos amotinados e dos não amotinados, Teixeira (1997) diferencia os detentos que não quiseram participar da rebelião, chamando estes de “marginais”. Revela também o sentimento de medo dos não amotinados de represálias impostas tanto pelos promotores do motim tanto da própria polícia.

[os] presos que não participaram da rebelião, ficaram no pátio tomando sol e chuva. Além deste sofrimento, todos quase morreram de medo dos marginais se revoltarem contra eles devido os mesmos terem recusado a proposta de fuga. Por outro lado, eles temiam uma represália da policia, causada pela revolta que estavam dos amotinados, pelo motivo dos mesmos terem em seus poderes nove reféns (TEIXEIRA, 1997, p. 5). (Grifo nosso.)

Segundo Câmara (2001), o uso da palavra “marginal” utilizado entre os próprios detentos revela a separação entre aqueles que aparentemente estão na mesma situação de presidiários. Há dentre estes, aqueles que cometem os ‘erros sociais’, no caso da rebelião, os amotinados eram assim considerados:

A palavra marginal, freqüentemente usada, também, para os desiguais, os chamados desviantes, estampa a separação estabelecida em relação aos que incorrem nos chamados “erros sociais”. Essa cristalizada afirmação perpassa pela empatia e/ou antipatia, pelas relações de amizade, parentesco ou pertença de crença religiosa e/ou ideológica e, evidentemente, pela condição financeira que leva à indiferença ou ao interesse pelos possíveis julgamentos decorrentes (CÂMARA, 2001, p. 212).

Retomando ao parágrafo anterior, em que foi dado destaque à memória de Teixeira (1997) sobre a situação dos presos logo após o motim, notamos que também no comentário de Santos (2006) a divisão dos presos entre amotinados e não-amotinados é explicitada, assim como as represálias impostas a todos pela polícia.

Santos (2006) também assinala que nem todos participaram do motim, mas mesmo assim ficaram ao relento e sofreram com as severas intempéries do tempo:

Na data deste acontecimento, o presídio se encontrava com um total de 66 detentos, mas só quinze dos sessenta e seis fizeram parte do motim, permanecendo todos juntos no pátio dos fundos do presídio, expostos ao sol,

à chuva e ao frio, que na primeira madrugada chegou a atingir uma temperatura de 11 graus e meio (SANTOS, 2006, p. 189).

Podemos observar a presença da violência manifestada em todas as formas, quer pelas condições materiais e físicas – todos os detentos estavam no pátio, passando frio, fome e sede -, quer pelas condições psicológicas – o medo das represálias dos amotinados e da polícia. Teixeira (1997) é enfático quando compara os dias que sucedem o final do motim com o inferno, onde os prisioneiros encontravam-se encurralados:

Nunca vi antes tanto sofrimento, pois além das ameaças que sofremos, ficamos dois dias tomando chuva e sereno nas costas, por não termos para onde ir. Naqueles dias no presídio se tornou um verdadeiro inferno, pois além de ficarmos dois dias sem alimentação, sofriamos constantemente as ameaças dos policiais e também dos amotinados (TEIXEIRA, 1997, p. 6).

Para Santos (2006), somente Deus poderia livrar uma pessoa de vivenciar o inferno de uma rebelião:

Foi a noite mais terrível, de todas as noites, que eu já passe na minha vida, mas numa ta é que um homem tem que mostrar que Deus existe e pode nos mostrar quanto é grande o seu poder e o seu amor por todos nós. Mas o home, também, segundo a sua semelhança, tem que ficar ser forte para ter muita união, mostrar que mesmo dentro de um lugar como este, a sua solidariedade como ser humano. Para quem não sabe e nunca viu uma rebelião, peça bem ao nosso bom Deus para nunca ver porque é uma verdadeira operação de guerra, gritaria um corre-corre para todos os lados e enfim é um verdadeiro inferno (SANTOS, 2006, p. 189-190).

Para Bakhtin (1999), cada enunciado é um ato histórico, único e novo, que não se repete. Uma mesma frase dita em diferentes situações sociais pelo mesmo enunciador não constitui em um mesmo enunciado, pois um enunciado é sempre um acontecimento. Toda palavra é produto da interação locutor e ouvinte, pois é engendrada por duas faces, a de que procede de alguém e a que se dirige para alguém. Esse estudioso acentua que:

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época em definidas (BAKHTIN, 1999, p. 112-113).

Toda palavra é a expressão de um em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade (BAKHTIN, 1999). Assim, quando Teixeira (1997) e Santos (2006) escrevem seus textos apresentando, cada um ao seu modo, uma realidade que fora vivenciada por ambos, na verdade, seus textos, além de denunciadores da violência, dos sofrimentos e incompreensão social, buscam no outro a redenção.

Toda narrativa, além de um enunciador e de um enunciatário ou receptor, demanda a presença daquilo que Bakhtin (1999) denominou de o terceiro do diálogo. É que todo diálogo ou todo discurso sempre pressupõe alguém diante de quem se dialoga.

O diálogo para Bakhtin (1999) significa:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 1999, p.123).

No contexto narrativo, Bakhtin afirma que toda essência da enunciação de outrem tem sua expressão no discurso interior:

Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. (...). A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante (BAKHTIN, 1999, p. 147-148).

Em sua narrativa, Teixeira (1999) descreve o ambiente e os personagens da rebelião, tentando mostrar ao leitor que aquilo que aconteceu foi muito grave, havia risco de morte:

Eram sete horas da noite, quando Idalmir apareceu na janela, pela primeira vez, com um refém e um facão encostada a lamina na sua garganta. Ele gritava as autoridades com rancor e exigiam delas a sua liberdade, e as de seus comparsas. Ele fez seu apelo da janela, debaixo de ameaças, mas não foi possível adquirir seu objetivo, porque as autoridades não comeram suas sugestões (TEIXEIRA, 1997, p. 4).

No texto de Santos (2006), a rebelião passou para outro ângulo, agora ela é a imagem de um filme de aventura (perigosa) na tela de cinema, mas os personagens eram eles mesmos:

Parecia coisa de cinema. E foi assim durante todos estes nove dias de motim, tinha horas que até parecia que nós estávamos em um daqueles campos de refugiados da Bósnia, ou nos campos de concentração da guerra do Golfo

Pérsico, porque no mesmo instante em que a gente estava dentro dos barracos, (...) de repente, éramos sacudidos por forte barulho do helicóptero do grupo tático especial, o COE, que sobrevoava toda a área do presídio (...) os detentos ficavam muito admirados e, ao mesmo tempo, muito assustados, porque nenhum deles nunca tinha visto uma operação como aquela, a não ser no cinema, ou pela televisão. (...) eu, ao ver tudo aquilo que a cada momento estava sobre a nossa cabeça, me lembrei de um grande filme que eu assisti há uns quinze anos atrás, no Cine Santa Clara em Ilhéus. Um filme que tinha o título de nome: "Fugindo do Inferno" (SANTOS, 2006, p. 205).

Para Foucault (1992), a escrita de si contribui para a formação de si ou reflexão de si. A linguagem, nesse sentido, é a nossa condição humana, pois oportuniza um ir e vir de nós mesmos. O filósofo ressalta que a "função-autor" não se constrói somente atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se corporifica como uma "característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 1992, p. 46), ou seja, é construído em constante diálogo com o texto.

As afirmações de Foucault vêm ao encontro da análise de Câmara (2001), em que apresenta uma característica do texto: a verdade. A escrita de si pressupõe o sentido de verdade. Podemos observar quando Câmara (2001) destaca que:

A escrita de si leva a escolher por si mesmo e voluntariamente entre coisas heterogêneas: o texto que se acredita e considera como verdade no que afirma ou o conveniente no que prescreve e útil nas circunstâncias em que se encontra. É um exercício possível, que colabora para que se tenha mais condição de perceber muita coisa que foi dita e que, pela tradição, considerase verdade, com o fazer diário, que se modifica de acordo com os momentos e as possibilidades (CÂMARA, 2001, p. 168).

A concepção de escrita de si se forma como um treinamento de si, através das abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro etc. A escrita não é apenas um registro pessoal, mas também ela existe para ser marcada e lida pelos outros. No caso das narrativas de Teixeira (1997) e Santos (2006) contam o episódio do motim, é necessário que os outros, além muros, saibam ainda de seus sofrimentos e de suas resistências.

Nessa perspectiva, o silêncio no espaço carcerário é sempre uma tônica, Orlandi (1992) em seus estudos sobre as formas do silêncio, caracteriza-o como algo substantivo, repleto de materialidade e assim, como a palavra, ele também está determinado por suas condições de produção.

Segundo Orlandi, “as próprias palavras transpiram silêncio” (1992, p. 11), podemos inferir pelo título do texto de Teixeira (2006) – *Fuga maluca* - que os presos conseguiram fugir do presídio, mesmo sendo esta empreitada realizada de uma forma totalmente absurda, sem senso lógico, por isso ‘maluca’. No entanto, isso não aconteceu, depois de nove dias entre ameaças e negociações, foi posto um fim com a rendição voluntária dos amotinados.

A fuga ficou apenas registrada nas palavras de Teixeira (1997) e de Santos (2006) com - A rebelião. A escrita carcerária é um arcabouço, um interdito de memórias, reflexões e silêncios constituindo-se em uma fuga pela palavra.

Nesses silêncios, conforme Orlandi (1992), estão o “silêncio imposto” e o “silêncio proposto”. O *imposto* significa exclusão, e é forma de dominação, já o *proposto* vem do oprimido e representa uma forma de resistência. Estas formas de silêncio produzem uma ruptura desejada por ambos os lados, o do opressor e o do oprimido. Mas também podem produzir uma ruptura não desejada, quando ocorre aquilo que se chama ruído na comunicação, ocasionando uma falha na emissão do que se tem a intenção de comunicar.

Dessa forma, podemos desvelar os silêncios contidos em algumas passagens das narrativas aqui enfocadas, uma vez que de acordo com Orlandi (1992, p. 13) “O silêncio é assim a ‘respiração’ (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. E o espaço carcerário é um lugar onde as pessoas que ali vivem, sabem o quanto o silêncio e/ou silenciamento é necessário para se manterem vivos.

Considerações finais

A leitura e análise das narrativas escritas de Teixeira (1997) e Santos (2006) sobre o motim, iniciado em 05 de abril de 1997, no Presídio Regional Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, onde 15 amotinados ficaram durante nove dias ameaçando matar pessoas, além da exigência de armas, carro, dinheiro etc. para uma grande fuga; os outros presos, os não amotinados, em torno de 50 homens, ficaram no pátio, ao relento, temerosos com o desenlace das negociações.

Registrar essas histórias ou mesmo repensar sobre esses fatos, leva-nos a refletir sobre a vida no presídio, no sentido de olharmos o outro e percebermos tão iguais em nossas necessidades mais íntimas e cotidianas – um olhar de alteridade.

A escrita no cárcere é uma fuga que tem como meio a palavra, que precisa ser expressa para se constituir em novas identidades mais éticas e cidadãs.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1999.

BRASIL. Decreto-Lei n. 2.848 de 07/12/1940. Código Penal Brasileiro. Parte Especial, Título XI, Capítulo III – Dos Crimes Contra a Administração da Justiça. Artigo 354. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 31 dez. 1940.

CÂMARA, Heleusa Figueira. *Além dos muros e das grades (discursos prisionais)*. São Paulo: EDUC, 2001.

FOUCAUT, Michel. *O que é um autor*. Portugal: Veja/Passagens, 1992.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

SANTOS, José Raimundo dos. *Km 47: Parada da solidão (vida de caminhoneiro)*. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Proler, 2006.

TEIXEIRA, Hélio Alves. *Fuga maluca*. 1997. Arquivo do Proler/Carcerário/ UESB. Texto digitado, 1997.